

UMA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES NA LUTA PELA CIDADANIA E PELA DEMOCRACIA



ORGANIZAR PARA LUTAR E CONQUISTAR

As variadas lutas e conquistas que a categoria protagonizou nos últimos anos somente foram possíveis porque o Sindicato tem demonstrado ser uma organização sólida, inovadora e democrática. Neste capítulo, vamos conhecer melhor a estrutura e a dinâmica dessa entidade, que há muitas décadas assumiu lugar de destaque no sindicalismo brasileiro. Aspectos gerais de seu funcionamento interno, recursos e estratégias de comunicação, formação sindical e profissional serão abordados.

Particular destaque será dado às essenciais relações do Sindicato com o movimento dos trabalhadores de forma mais ampla. Os bancários têm sido uma das espinhas dorsais da construção da CUT em suas várias instâncias e nos últimos anos mantêm papel decisivo também no âmbito do movimento sindical internacional. Igualmente, a importância do Sindicato como organização da sociedade civil, meio indispensável para que os trabalhadores se posicionem em suas demandas corporativas e como cidadãos, será devidamente salientada.

Verdadeira escola de política e cidadania para aqueles que o constroem com suas práticas cotidianas, o Sindicato tem sido uma organização fundamental para o fortalecimento da democracia brasileira ao defender e praticar a concepção de um sindicalismo cidadão. ■



O Sindicato conta com sete regionais. Nas fotos (da esquerda para a direita), Paulista, Norte e Osasco



O Centro de Documentação (Cedoc) foi criado em 1992 para processar e organizar a documentação gerada e coletada pelo Sindicato, contribuindo para a preservação de sua memória. Além de milhares de livros, o amplo acervo possui jornais, cartilhas, revistas e fotografias



Jurídico, Saúde, Imprensa, Cultural, Convênios, Centro de Formação Profissional, Central de Atendimento. Esses são alguns dos serviços concentrados na sede do Sindicato, na Rua São Bento, 413, no tradicional Edifício Martinelli. Os andares, adquiridos em 1992, também abrigam dois auditórios, o Cedoc, o Grêmio Recreativo Café dos Bancários e o Centro de Pesquisa 28 de Agosto

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO SINDICATO

Para lutar pelas reivindicações de seus representados e prestar diversos serviços aos seus associados, o Sindicato organiza-se a partir de uma estrutura complexa e dinâmica. Além do empenho dos seus funcionários, o Sindicato conta com uma diretoria composta por 88 integrantes.

O Sindicato mantém as regionais Osasco, Centro, Paulista, Leste, Oeste, Norte e Sul para consolidar sua presença no cotidiano da categoria. Especialmente por meio dos dirigentes que atuam nas subseções, o Sindicato mantém contínua presença no dia a dia da categoria. Eles são, portanto, um dos elos fundamentais na execução das diversas decisões políticas do Sindicato, responsabilidade das secretarias em que a entidade se estrutura.

Órgão político conduzido de maneira democrática, o Sindicato define suas linhas básicas de atuação a partir das reuniões da Diretoria Executiva, que congrega a presidenta e os secretários. As principais deliberações políticas são submetidas ao debate, avaliação e referendo da diretoria plena e da assembleia.

Além da assembleia, existem diversos canais abertos à participação dos bancários, entre os quais podemos citar: plenárias, reuniões, conferências, congressos, seminários, cursos de formação e consulta direta nos locais de trabalho na ocasião da preparação da campanha salarial.

A partir da proximidade do Sindicato com a base, são delineadas as

reivindicações gerais e específicas da categoria que serão tratadas com os banqueiros em espaços de negociação que buscam melhorar a vida do bancário em seu cotidiano de trabalho.

O quadro organizacional acima descrito permite ao Sindicato desfrutar de forte representatividade junto à categoria. Entretanto, a entidade defende a tese de que ele só estará completo quando todos os trabalhadores puderem manter organizações nos próprios locais em que atuam. Enquanto persiste nesta luta, o Sindicato reivindica o livre acesso dos diretores aos locais de trabalho e dá suporte às Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (Cipas) e aos delegados sindicais dos bancos públicos, modalidades de organização nos locais de trabalho. ■



Para atender aos associados em suas variadas demandas, o Sindicato dispõe de uma moderna Central de Atendimento. Ao lado dela, encontra-se o Cyber Café, onde eles podem acessar gratuitamente a internet

COMUNICAÇÃO SINDICAL E CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA

A comunicação é parte fundamental da organização sindical. A mobilização da categoria, a aproximação entre os trabalhadores e destes com a entidade representativa, só são possíveis por meio do constante esforço de comunicação e de tradução das demandas coletivas realizado pelo Sindicato. Nas últimas décadas, podem ser destacados ao menos dois processos de mudança importantes na área da comunicação: a democratização do país e o desenvolvimento das tecnologias de informação. A comunicação sindical é parte dessa história, e reflete as mudanças ocorridas na organização dos sindicatos e na sociedade como um todo.

A partir do final dos anos 1980, após o período de ditadura militar, a comunicação sindical passa a ser marcada pela luta por democratização da informação e construção da cidadania. Nesse contexto, o Sindicato se empenhou em ampliar e aprimorar a comunicação com os bancários, entendidos como trabalhadores e cidadãos. Assim, ao longo das últimas décadas, diversificou suas formas de comunicação, extrapolando a tradicional imprensa sindical escrita. Conta atualmente, além dos veículos impressos, com meios de comunicação por radiodifusão e digitais. Integra também a Rede Brasil Atual, iniciativa de comunicação sindical de caráter nacional. Essa organização constitui

CEDOC



Nos últimos 20 anos, a Folha Bancária passou por transformações para se modernizar e manter sua grande receptividade junto à categoria



importante contraponto à mídia comercial, e contribui para o aprimoramento da democracia no país. A rede, que reunia inicialmente 16 sindicatos, já articula 60 entidades sindicais de todo o território nacional.

Nos veículos de comunicação específicos do Sindicato, são divulgadas suas ações e denúncias, os processos de negociação e os resultados da mobilização dos bancários para obtenção e manutenção de direitos. Evita-se, assim, que os bancários tenham prejuízos por falta de informação ou por omissão de seus empregadores.

COMUNICAÇÃO SINDICAL IMPRESSA

A *Folha Bancária (FB)* é o principal e mais antigo veículo de comunicação do Sindicato. Nasceu como *Vida Bancária* em 1924 e recebeu seu nome atual em 1939. A publicação tem periodicidade mínima de duas edições semanais, tiragem de 100

mil exemplares, e é distribuída em cerca de 3 mil locais de trabalho. A *FB* possui periodicidade regular há mais de 30 anos, com circulação diária até 1997 e bissemanal desde então. Em 2011, o Sindicato lançou a *FB* em braille, permitindo a partir de então a comunicação direta com os bancários com deficiência visual.

Em meados dos anos 2000, o Sindicato constatava que parte da categoria ainda não tinha acesso à *FB*. Com o objetivo de reverter esta situação, em setembro de 2006 o Sindicato lançou a *Folha Bancária Resumo*, publicação mensal, com tiragem de 100 mil exemplares,

Jornais de banco atualmente publicados pelo Sindicato. Nesses periódicos, ganham destaque as lutas específicas dos trabalhadores de uma determinada instituição financeira



entregues na casa dos bancários junto com o *Guia*, que traz a programação do Café dos Bancários, eventos culturais do mês, oportunidades e convênios do Sindicato nas áreas de formação profissional, saúde e educação.

Marcante episódio recente envolvendo a *FB* ocorreu em outubro de 2012, quando a publicação teve seus exemplares apreendidos pela Justiça Eleitoral devido à ação da coligação Avança São Paulo (PSDB, PSD, DEM, PV e PR). Como parte da proposta de comunicação do Sindicato, que visa o fortalecimento da democracia, o jornal trazia informações e debatia criticamente as propostas dos três candidatos que lideravam as pesquisas eleitorais para a prefeitura de São Paulo naquele

Jillean Garcia/CEDOC



Distribuição do Jornal do Cliente, publicação que, especialmente durante as campanhas salariais, permite ao Sindicato informar a população sobre as reivindicações da categoria e denunciar os abusos cometidos pelos bancos em relação aos clientes



Distribuição da Folha Bancária nos locais de trabalho. Com décadas de existência, o periódico é uma das mais antigas publicações sindicais brasileiras em circulação

ano. Se por um lado a censura ocorrida em 2012 representa um evento negativo para a liberdade de imprensa, demonstra também a importância da comunicação sindical e a combatividade do veículo nesse contexto histórico.

O Sindicato edita, também, o *Jornal do Cliente* e os jornais de banco. O primeiro é distribuído principalmente nos períodos de campanha salarial. Por meio desse veículo, o Sindicato sensibiliza o público com relação às demandas da categoria, além de informar os direitos do consumidor e denunciar abusos das instituições financeiras.



■ Primeira edição da Revista dos Bancários. Entre 1993 e 2006, ela abordou temas como política, economia, saúde e comportamento

As questões específicas entre cada instituição financeira e seus funcionários são tratadas por meio dos jornais de banco, também editados pelo Sindicato. Nestas duas últimas décadas, circularam jornais como o *Reunião*, dos funcionários da Nossa Caixa, extinta em 2009, o *Safrado*, do Banco Safra, o *Realidades*, do Banco Real ABN e o *Sanba*, do Santander – substituídos pelo *Sindical Santander*, após a fusão dos bancos Santander e Real – entre outros. Atualmente o Sindicato edita os jornais de banco *O Espelho*, voltado aos trabalhadores do Banco do Brasil, o *Jornal Nossa Luta*, da Caixa Federal, o *Raios*, do Bradesco, o *Xangai*, do HSBC, o *Itaunido*, dos funcionários do banco Itaú Unibanco, além do já mencionado *Sindical Santander* e publicações voltadas para os financiários, trabalhadores de cooperativas de crédito e terceirizados.

Outro veículo impresso que teve grande importância na história da comunicação do Sindicato com a categoria bancária foi a *Revista dos*



■ Luiz Cláudio Marcolino, presidente do Sindicato, discursa ao lado de José Lopez Feijó, dos Metalúrgicos do ABC (à esq.), no lançamento da Revista do Brasil, na Quadra dos Bancários, em junho de 2006. As entidades encabeçaram o projeto que culminaria na Rede Brasil Atual

Bancários, lançada em 1993.

A publicação contava com tiragem média de 100 mil exemplares, distribuídos em domicílio para todos os bancários sindicalizados, com periodicidade mensal. A revista circulou por 13 anos, tratando não só de temas específicos da categoria mas também de assuntos de interesse do bancário como cidadão. Após intensos debates sobre a necessidade de veículos de comunicação produzidos pelos trabalhadores e para os trabalhadores, o Sindicato, em conjunto com outras entidades sindicais da CUT, considerou a necessidade de uma nova publicação, num projeto de união de esforços dos diversos sindicatos e categorias profissionais. Com isso, a partir de 2006 a *Revista dos Bancários* deixou de ser editada para dar lugar à publicação da *Revista do Brasil*.

A *Revista do Brasil* circula nacionalmente desde 2006, distribuída para 360 mil trabalhadores associados aos sindicatos que integram a iniciativa, com periodicidade mensal.

Assim como a *FB*, a *Revista do Brasil* sofreu censura no período eleitoral nos anos de 2006 e 2010, igualmente por explicitar um posicionamento político claro e combativo.

COMUNICAÇÃO SINDICAL POR MEIO DE RÁDIO E TV

Uma das características da comunicação sindical nos últimos 20 anos é a diversificação de recursos, suportes e meios de comunicação. Na esteira das transformações ocorridas no final dos anos 1980, o Sindicato inicia, em 1992, a comunicação por meio de radiodifusão de som, com o programa *Rádio dos Bancários*, transmitido diariamente pela Rádio Gazeta de São Paulo durante cinco anos. A iniciativa refletia o esforço da entidade em contribuir com a ampliação da voz dos trabalhadores no contexto de construção da democracia no país.

No ano seguinte, foi ao ar o programa de TV *Olhar Brasileiro*, transmitido semanalmente pela Rede Record.



■ Coerente com sua luta pela igualdade de oportunidades em todos os âmbitos da sociedade, o Sindicato lançou, em 2011, a Folha Bancária em braille para os bancários com deficiência visual

■ O site atual da entidade foi criado em 2005. Na campanha salarial de 2006, ele já disponibilizava uma página especial de vídeos, ampliando as possibilidades de comunicação com a categoria

O programa era inteiramente produzido e patrocinado por cerca de dez sindicatos vinculados à CUT, dentre os quais o dos bancários, e era realizado pela TVT – TV dos Trabalhadores, da Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho (SCCT). Desde 1987, o Sindicato produzia vídeos que compunham a TVB, TV dos Bancários, tendo inclusive recebido o prêmio Vladimir Herzog em 1989, na categoria Vídeo Militante. Tais vídeos eram reproduzidos nas manifestações da categoria, assembleias e em locais públicos. Em 2009 foi exibido o jornal *Momento Bancário*, pela TV Oeste de Carapicuíba.

Na mesma linha de atuação, o Sindicato reforçou a transmissão de informações sobre as campanhas salariais e outros temas para o conjunto da sociedade por meio de

informes publicitários em rádios e painéis eletrônicos em diversos pontos da cidade. Além desses recursos, os trabalhadores que circulam pelos polos comerciais espalhados pelas cidades da região têm sido constantemente surpreendidos com manifestações lúdicas – teatro de rua –, recursos de comunicação intensamente utilizados pelo Sindicato.

Nos anos 2000, a imprensa sindical obteve grandes avanços com relação aos meios de comunicação de radiodifusão de som e imagem. Coroando um variado conjunto de iniciativas, em 2012 o grupo de sindicatos, então já organizados na Rede Brasil Atual, lança a Rádio Brasil Atual, com a obtenção de concessão



■ Paulo Bernardo, ministro das Comunicações, participa do programa Momento Bancário em Debate promovido pelo Sindicato em sua sede em 2011



para operar faixas de FM, ampliando a capacidade de comunicação sindical para 24 horas diárias de programação no rádio.

COMUNICAÇÃO SINDICAL DIGITAL

A partir do final da década de 1990, e principalmente nos anos 2000, o Sindicato passou a incorporar as tecnologias de comunicação digital. Já em 1997, elaborou um programa, disponibilizado em disquete – suporte muito utilizado no período – para informar os bancários sobre os direitos da categoria, o funcionamento e os serviços disponibilizados pela entidade. No mesmo ano, anunciava também o lançamento da primeira



Jaílton Garcia/CEDOC

■ *Gravação do Momento Bancário em Debate, programa de webtv produzido pelo Sindicato desde 2010. Nos últimos 20 anos, a entidade vem se destacando pela diversificação de recursos, suportes e meios de comunicação*

■ *Juvandia Moreira, presidenta do Sindicato, discursa no lançamento da Rádio Brasil Atual, em 2012. A partir da direita, Paulo Salvador, diretor da Rede, Sérgio Nobre, Vagner Freitas e Rosane Bertotti, respectivamente secretário-geral, presidente e secretária de Comunicação da CUT, além de Valter Sanches, dos Metalúrgicos do ABC*

página do Sindicato na internet, na qual se disponibilizava a *FB* e a *Revista dos Bancários*. Em meados dos anos 2000 o Sindicato passou a utilizar novas ferramentas de comunicação, enviando torpedos e boletins eletrônicos por e-mail para milhares de bancários cadastrados.

O site atual, www.spbancarios.com.br, foi criado em 2005. Reformulado em 2012, tem cobertura diária e recebe dezenas de milhares de acessos nas campanhas salariais. Através dele o Sindicato ampliou suas possibilidades de comunicação, não apenas escrita como também audiovisual. Em 2010, foi criado o programa de webtv *Momento Bancário em Debate*, que semanalmente informa e esclarece, ao vivo, dúvidas dos trabalhadores. Produzido pela TVB, que, em 2012, ganhou investimentos para a compra de equipamentos e a construção de estúdio próprio na sede do Sindicato. No final dos anos 2000, foi criado o site da Rede Brasil Atual, que constitui mais uma iniciativa de organização dos trabalhadores, congregando diversos sindicatos

Gerardo Lazari/CEDOC



filiação à CUT, e com importante participação do Sindicato.

A comunicação digital oferece, ainda, uma grande vantagem. Até então boa parte do fluxo de informação partia do Sindicato para os trabalhadores. A comunicação digital facilita o caminho inverso. O Sindicato hoje conta com importante retorno dos bancários, o que fortalece a organização da categoria.

COMUNICAÇÃO SINDICAL E SOCIEDADE

O Sindicato vem expandindo sua atuação na área da comunicação

na última década. Isso se evidencia tanto pela abrangência dos veículos de comunicação da entidade quanto pela sua contribuição e envolvimento com movimentos sociais e mobilizações especificamente engajados na luta pela democratização da informação.

Em 2003, o Sindicato participou da Jornada pela Democratização da Mídia, evento organizado por várias entidades, entre as quais a CUT, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos), além de movimentos

sociais e veículos de comunicação. Em 2006, após a censura sofrida pela *Revista do Brasil* no período de campanha eleitoral, participou do Ato Contra a Censura e pela Liberdade de Expressão.

O Sindicato promoveu, em 2010, três debates sobre comunicação e democracia. O primeiro deles, no mês de abril, teve a participação dos blogueiros Eduardo Guimarães (*Cidadania.com*) e Rodrigo Vianna (*Escrevinhador*), que contribuíram com a discussão sobre o papel da internet na democratização da informação. Em maio, foi realizado encontro com o sociólogo Emir Sader, sobre a mídia e as eleições de 2010. Dois meses depois promoveu, em conjunto com a Fetec/CUT-SP, o debate Mídia e Poder, que contou com a participação do sociólogo Venício A. de Lima, autor do livro *Liberdade de Expressão x Liberdade de Imprensa*, e do jornalista Altamiro Borges, que escreveu *A Ditadura da Mídia*. No ano seguinte, o Sindicato sediou debate de grande repercussão no lançamento da segunda edição do livro *A Privatária Tucana*, do jornalista Amaury Ribeiro Júnior. Todos os eventos foram transmitidos pelo site do Sindicato e abertos ao público. Em outubro de 2012, a entidade participou de ato no local onde estava sendo realizada a 68ª Assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), que congrega representantes dos principais veículos de comunicação da grande mídia, protestando contra a censura sofrida pela *FB* no mesmo ano. ■

Bangraf

Para ampliar suas possibilidades de comunicação com a categoria e ter maior autonomia financeira, em uma época de forte repressão às organizações dos trabalhadores, o Sindicato criou, em 1987, sua própria gráfica, a Bangraf, que passou a imprimir jornais, cartazes, adesivos etc. Desde então, além de produzir os materiais dos bancários, a Bangraf vem mantendo uma prática solidária com outros sindicatos e entidades sociais.

Com o aumento da demanda e novas necessidades da categoria, o Sindicato resolveu investir na reestruturação da Bangraf. Adquiriu uma área com 2 mil metros quadrados e comprou equipamentos mais modernos. Assim, em 1993, quando comemorou seus 70 anos, o Sindicato inaugurou o maior parque gráfico sindical do país. Nos últimos anos, a Bangraf voltou a adquirir novas máquinas, o que lhe permite manter um elevado padrão nos materiais produzidos pelo Sindicato e atender às exigências do mercado. ■



■ *Instalações da Bangraf em meados dos anos 1990 e uma década depois. O Sindicato investe continuamente na modernização de seu parque gráfico*



Gerardo Lazari/CEDOC

FORMAÇÃO SINDICAL E PROFISSIONAL

A história do Sindicato está intimamente ligada à da formação, política e profissional, dos trabalhadores. O Sindicato é, em si mesmo, um espaço formativo, seja através da luta cotidiana, da constante renovação de pessoas que o constroem, e também dos esforços de qualificação dos bancários em resposta às transformações do mercado de trabalho.

FORMAÇÃO SINDICAL

O Departamento de Formação Sindical foi criado em 1982, com inspiração na concepção metodológica do educador Paulo Freire, com o objetivo de elaborar uma estratégia de formação para bancários de base que os colocassem como sujeitos do conhecimento e da ação transformadora. Desde então, a execução de um programa intencional e permanente tornou-se parte indivisível da ação sindical. Com base nesta experiência, os dirigentes bancários somaram-se aos metalúrgicos de São Bernardo e químicos de São Paulo e formularam conjuntamente os princípios da concepção metodológica de formação da CUT, aprovados no congresso de fundação da Central em 1983.

No final dos anos 1980, o Departamento ganhou status de Secretaria e foi constituída a equipe de formadores do Sindicato para preparar os dirigentes eleitos e trabalhadores de base.



Em 2010, Luiz Cláudio Marcolino, ex-presidente do Sindicato, fala durante o "Encontro", importante evento de formação política da entidade. Quase todos os dirigentes passaram pelos cursos

Por meio do trabalho desenvolvido pela Secretaria de Formação Sindical, os militantes do movimento têm passado por atividades formativas que contribuem para o desenvolvimento de ferramentas necessárias para organizar as reivindicações da categoria.

Entre as principais atividades de formação sindical nestes últimos 20 anos, os Encontros de Formação de Base constituíram-se como um percurso formativo nos quais os militantes têm a possibilidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a história do movimento sindical, discutir as características e as transformações no trabalho bancário, entender a categoria em um contexto histórico, político e social mais amplo. Cerca de 90% dos diretores e diretoras do Sindicato passaram pelo processo de formação realizado pela Secretaria de Formação Sindical nos últimos 20 anos, servindo como porta de entrada para a



Como atividade de formação política, bancários visitam, em 2006, assentamento e escola de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em Itapeva

renovação permanente da direção e qualificando-a para a defesa dos interesses coletivos da categoria.

Um resultado expressivo desse trabalho é que uma parcela dos bancários, após frequentar parte do percurso formativo, passa a desenvolver um significativo trabalho de organização nos bancos, inclusive assumindo funções de representação como delegados sindicais e membros das Cipas. Quase metade dos participantes dos encontros de



Aula de inglês no CFP em 2001

formação de base são mulheres, o que indica que a formação sindical tem sido um espaço importante de superação das desigualdades de gênero na sociedade.

Além dos cursos, são realizadas inúmeras palestras, seminários e encontros voltados para temas mais específicos como cultura, juventude, igualdade de oportunidades, entre outros. Os diretores e diretoras eleitos, por sua vez, também frequentam cursos específicos para o exercício da função, em parceria com entidades do movimento sindical, como o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos

A formação profissional na história do Sindicato

A atuação do Sindicato na formação dos bancários não é recente, as iniciativas nesta área datam do final da década de 1920. Entre 1929 e 1931, o Sindicato ofereceu o primeiro curso profissionalizante, de Contabilidade Bancária. Na década de 1930, o Departamento de Cultura Intelectual do Sindicato realizava palestras sobre os mais variados temas, incluindo

Socioeconômicos (Dieese), a Escola Sindical São Paulo da CUT e até entidades internacionais. Além desses, destacam-se também os cursos realizados em parceria com universidades. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) ofereceu curso sobre Economia do Trabalho e Sindicalismo, e a Fundação Escola de Sociologia e Política (Fesp) um curso de Gestão Pública. A Secretaria de Formação Sindical contribuiu, também, em projetos de formação de dirigentes da CUT-SP, e participou de uma cooperação internacional aplicando cursos de formação política e organização

Sociologia, Português, Matemática, Literatura e princípios do Direito. Em 1943, o Sindicato fundou a Escola Bancária, voltada para ampliação da formação profissional da categoria, além de oferecer cursos como Artes Plásticas, Estenografia e Inglês, idioma que nessa época já ganhava importância no mundo do trabalho. A partir dos anos

sindical para bancários do Sindicato Nacional de Angola.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A formação profissional, por sua vez, teve início em cursos experimentais de Matemática Financeira oferecidos nas agências da CEF. Fruto do desenvolvimento dessa experiência, em 11 de julho de 1996 o Sindicato comemorou uma importante conquista da categoria: a inauguração do seu primeiro Centro de Formação Profissional. Diante das constantes mudanças no mercado de trabalho e das exigências dos empregadores por

1950, passaram a ocorrer também cursos preparatórios para a realização de concursos em bancos públicos. Na década de 1960, o Sindicato criou o Sindiccurso que, além de dar continuidade às atividades de capacitação profissional, passou a oferecer cursos supletivos e pré-vestibulares, contribuindo com a ampliação da escolaridade dos trabalhadores da categoria. ■

Juvandia Moreira, presidenta do Sindicato, discursa em cerimônia de inauguração da nova estrutura do CFP em 2011



profissionais qualificados, o Sindicato atuou tanto reivindicando melhores condições para a formação dos bancários, quanto oferecendo cursos de qualificação que respondessem às necessidades da categoria. Depois de anos de reivindicação e luta, o Sindicato conquistou a Verba de Requalificação Profissional para bancários demitidos, em 1997, e vem obtendo a ampliação e democratização de programas de auxílio-educação dentro das instituições financeiras. Ao mesmo tempo, vem sendo gradativamente aumentada a capacidade de atendimento do Sindicato em relação à qualificação profissional dos bancários sindicalizados.

O CFP do centro de São Paulo passou por duas mudanças: em 2005 foi reinaugurado no Edifício Martinelli e recentemente, em 2010, foi reformado, ampliando e melhorando a estrutura existente. Além disso, em janeiro de 2011 foi inaugurado o novo Centro de Formação Profissional da Regional Osasco, que passou a contar com estrutura mais adequada às atividades de formação. Atualmente, portanto, o Sindicato conta com o CFP do centro de São Paulo, que possui nove salas, incluindo uma de informática, o CFP de Osasco, com três salas de aula e um auditório, e espaços para formação na Regional Oeste e na Regional Paulista.

Em 1996, com a criação do CFP da capital, começaram a ser diversificadas as modalidades



■ CFP, em 2011, com novas instalações

de cursos oferecidos. Além de Matemática Financeira, os bancários tinham a oportunidade de se capacitar em Análise de Crédito, Contabilidade, Câmbio e Comércio Exterior. As opções de cursos aumentaram significativamente desde então, passando de quatro para dezessete entre 1996 e 2012. Principalmente a partir dos anos 2000, ganharam destaque os cursos relacionados às novas habilidades exigidas pelo mercado de trabalho na área de vendas. Dentre estes, estão os cursos de Marketing Pessoal e Vendas; Vendas de Produtos Bancários; Análise de Produto; e cursos para obtenção da CPA – Certificação Profissional da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), voltada para profissionais das áreas de comercialização e distribuição de produtos de investimento, que atingiu 93% de aprovação. Além destes, nos últimos dois anos o Sindicato passou a oferecer também cursos de línguas e preparatórios para concursos de bancos públicos.



■ Entrada do CFP em 1996, ano de sua criação

Entre 1996 e 2012, foram atendidos 15.321 alunos. Os bancários sócios do Sindicato constituíram o principal público, respondendo por 69% dos atendidos. Com a conquista da Verba de Requalificação Profissional em 1997, o Sindicato passou a oferecer qualificação e requalificação também para bancários desempregados ou em vias de perder o emprego, como forma de contribuir com a sua reinserção no mercado de trabalho. O Sindicato passou a atender ainda um público externo à categoria, incluindo dependentes e/ou pessoas indicadas por bancários sindicalizados. ■

■ CENTRO DE PESQUISAS 28 DE AGOSTO

Em 2010, o Sindicato inaugurou o Centro de Pesquisas 28 de Agosto, que será agregado à futura Faculdade 28 de Agosto, permitindo que esta, desde seu embrião, vincule o processo de aprendizagem com a pesquisa acadêmica, tornando o processo de construção do conhecimento algo mais rico e superando as simples funcionalidades exigidas pelo mercado. O Centro de Pesquisas é formado por um grupo de professores e professoras vinculados a diversas instituições de ensino que atuam em estudos voltados ao setor financeiro, desenvolvimento regional sustentável e teoria do direito, com forte viés humanista.

Como parte de suas atividades, o Centro desenvolveu diversas linhas de pesquisas: transformações do trabalho e ação sindical no setor financeiro, cooperativismo de crédito e desenvolvimento regional sustentado, banco do futuro, e direito e teoria da regulação.

Tais investigações serão importantes ferramentas para aprimorar as ações do Sindicato. Além de pesquisas, o Centro promove debates, lançamento de livros e palestras sobre temas relativos à categoria e à sociedade como um todo, contribuindo para a formação política dos bancários.

FACULDADE DOS BANCÁRIOS

Com o objetivo de contribuir para o crescimento profissional da categoria, por meio de um ensino crítico e de qualidade, e de difundir a visão dos



■ Marilena Chauí, professora de Filosofia da USP, fala em debate sobre história das ideias, em 2012. Ao seu lado (esq.), Raquel Kacelnikas (secretária-geral do Sindicato), Neiva Ribeiro (secretária de Formação) e Moisés S. Marques, (coordenador do Centro)



■ Cartaz de curso promovido em 2012



■ Instalações da futura Faculdade 28 de Agosto, que funcionará no Edifício Martinelli

trabalhadores sobre os mais importantes temas sociais, almejando uma sociedade mais justa e igualitária, a Faculdade 28 de Agosto teve sua criação aprovada em 2009 em assembleia dos bancários.

O projeto inicial da Faculdade é voltado para duas áreas de formação: Administração e Direito, com ênfase na formação cidadã, objetivando formar profissionais que não pensem somente no mercado financeiro, mas na sociedade de maneira geral. O curso de Direito terá como diferencial formar pessoas em áreas específicas

dos direitos humanos, direito sindical e defesa das minorias para atuarem levando em conta o aspecto social, as discriminações de gênero e étnico-raciais, no combate à homofobia e à violência. Todas as iniciativas formais e legais para que a Faculdade comece a funcionar estão em andamento, desde os procedimentos exigidos pelo Ministério da Educação até a elaboração dos projetos pedagógicos oferecidos.

Projetada de forma a atender, também, às necessidades das pessoas com deficiência, a Faculdade funcionará na sobreloja e primeiro andar do edifício Martinelli, sede do Sindicato. ■

PROJETOS CULTURAIS E LAZER

Em conformidade com sua visão de que os trabalhadores devem ser considerados em suas múltiplas dimensões, o Sindicato atua no sentido de promover espaços e situações em que os bancários possam, por meio de atividades recreativas e culturais, ampliar e intensificar interações sociais, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida. Todas as regionais do Sindicato promovem diversificadas atividades dessa natureza, contando com significativa participação da categoria.

Local de importantes decisões dos trabalhadores, o Centro Sindical dos Bancários, mais conhecido como Quadra do Sindicato, tem sido, há décadas, também, espaço para atividades esportivas, como a taça bancária de futsal, e para shows, inclusive de artistas consagrados da MPB, como Leci Brandão, Ultraje a Rigor, Ira!, Capital Inicial, e até mesmo atrações internacionais, como Ziggy Marley, filho do cantor Bob Marley. Além de sediar várias festas, entre elas a tradicional Festa do Chope, realizada em comemoração ao Dia do Bancário (28 de Agosto), na Quadra foram promovidas exposições, bazares solidários e feiras promocionais.

Outro lugar que já entrou no cotidiano da categoria é o Grêmio Recreativo Café dos Bancários. Localizado no edifício Martinelli, sede do Sindicato, o Grêmio foi inaugurado em 1993 e rapidamente tornou-se um ponto de encontro para os sindicalizados



Atento à busca da categoria por melhor qualidade de vida, o Sindicato vem ampliando a realização e o apoio a eventos esportivos, como a Corrida do Trabalhador, em Osasco



Torneio de futsal na Quadra dos Bancários. Palco de memoráveis assembleias da categoria, o local sedia também diversos campeonatos esportivos

usufruírem de momentos de descontração após o expediente. O espaço passou por duas grandes reformas, em 1995 e 2004, que o modificaram completamente. Local de comemoração de muitas conquistas da

categoria, o Grêmio Recreativo Café dos Bancários realizou festivais de música e karaokê e mantém programação intensa com shows, saraus, festas temáticas e exibições de filmes. O espaço também sedia premiações do Cine B e lançamentos de livros.

O Espaço Cultural Lélia Abramo, por sua vez, foi inaugurado em 1994 na Regional Paulista, oferecendo peças teatrais e diversos cursos, como Fotografia, Canto e Coral, Dança, Capoeira, loga e Teatro. O local sediou ainda importantes eventos, como o Projeto Acústico MPB, 15 shows a



Em 2006, juntando-se à extensa lista de importantes artistas nacionais e internacionais que se apresentaram na Quadra dos Bancários, a banda Ultraje a Rigor tocou para a categoria. O local já foi palco, também, de festivais que ainda estão na memória dos bancários, como o Pauliceia Musical, realizado em 1996



Mais uma tradicional Festa do Chope na Quadra dos Bancários. Em 2008, o evento foi animado pela bateria da escola de samba Tom Maior, com quem, no ano anterior, o Sindicato havia estabelecido uma parceria

preços populares, e com desconto para associados, com artistas consagrados, como Tom Zé, Walter Franco e Banda de Pifanos de Caruaru, e artistas que estavam iniciando a carreira, entre eles Zeca Baleiro, Chico César e Rita Ribeiro. Além disso, no espaço ainda têm sido realizados diversos cursos de formação para bancários e dependentes.

Nos últimos anos, devido ao interesse crescente de bancárias e bancários por práticas esportivas, o Sindicato tem promovido numerosas atividades e torneios que contribuem para a integração entre os trabalhadores e para a sua saúde. As opções são

variadas e buscam atender os bancários e suas famílias. Algumas já viraram tradição, como o futsal, society, truco e pesca esportiva. Além disso, o Sindicato tem apoiado a categoria em eventos esportivos, como os Jogos Sindicais (2003 e 2004), promovidos pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, e a Super 40, prova de revezamento (2006), e a Corrida da Primavera, em Carapicuíba (2009). E tem sido parceiro em tradicionais corridas, como a São Silvestre, o Desafio dos Trabalhadores, que pertence ao Circuito Osasco de Corrida de Rua, e a Corrida Centro Histórico, em São Paulo. ■

Em 1995, mais um evento musical é realizado no Espaço Lélia Abramo. O local foi assim batizado em homenagem à premiada atriz brasileira. Falecida em 2004, Lélia teve uma carreira de mais de 30 anos e dedicou boa parte de sua vida à luta contra o fascismo na Itália e pela democracia no Brasil



Convênios

Para ampliar a diversificação de sua atuação o Sindicato formaliza convênios e parcerias. A iniciativa começou, há mais dez anos, com universidades, que ofereciam descontos aos sindicalizados. Com o passar do tempo e as novas demandas que emergiram da categoria, o Sindicato ampliou suas parcerias, aumentando os serviços disponíveis.

O número cresceu tanto que o Sindicato passou a publicar e disponibilizar no site para a categoria, todo início de ano, o *Guia de Convênios*, no qual podem ser encontradas as cerca de 1.500 opções de estabelecimentos comerciais e serviços (ópticas, restaurantes, clubes de lazer, academias, parques de diversão, salão de beleza, pousadas e hotéis, clínicas de estética, creches, escolas, faculdades etc.) que podem ser usados em condições especiais. ■

■ O SINDICATO NO MOVIMENTO SINDICAL

O Sindicato, além de organizar e representar os trabalhadores que estão em sua base, sempre se relacionou com outras organizações sindicais, tendo papel destacado no fortalecimento do movimento de trabalhadores, nacional e internacionalmente. Em âmbito nacional, o Sindicato é filiado à Fetec/CUT-SP, Contraf/CUT e CUT, tendo participado significativamente da construção e da história dessas entidades. Internacionalmente, por meio da Contraf/CUT, é filiado à UNI Global Union, da qual participou também desde a fundação.

O SINDICATO E A CUT

O final dos anos 1970 foi um período de intensa mobilização dos trabalhadores e de retomada das organizações sindicais no Brasil. Surgia o “novo sindicalismo”, que aglutinava diversas categorias e lideranças que compartilhavam ideias comuns no plano político (a redemocratização do país), econômico (reposição das perdas salariais) e sindical (superação da estrutura sindical corporativa). O Sindicato foi protagonista desse processo que culminou na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983.

Junto com outras categorias que compuseram o Bloco Combativo (uma das tendências que existiam no interior da Comissão Nacional Pró-CUT), o Sindicato participou ativamente do congresso de fundação da CUT, que aconteceu entre 26 e 28 de agosto de



■ Ao longo de quase três décadas, o Sindicato vem atuando de maneira decisiva para que a CUT se consolide como uma das maiores centrais sindicais do mundo

1983. Os bancários de São Paulo, junto com os metalúrgicos de São Bernardo do Campo, foram responsáveis pela elaboração da proposta de Estatuto da CUT, que, após as emendas aprovadas pelos congressistas, foi devidamente oficializado.

Nesses quase 30 anos, os bancários sempre estiveram lado a lado com a CUT nas principais lutas e mobilizações, tanto na resistência ao projeto neoliberal dos anos 1990 como na proposição ativa e na formulação de políticas públicas a partir da virada do século. Junto com a Central, o Sindicato esteve presente em todos os momentos cruciais da história recente do Brasil: na campanha pelas eleições diretas em 1984, no processo constituinte de 1988, na resistência às tentativas de flexibilização dos direitos trabalhistas nos anos 1990 e contribuindo na formulação de políticas públicas que favoreceram o desenvolvimento econômico e,

sobretudo, social em governos democráticos e populares que vigoraram a partir do começo dos anos 2000.

Os bancários influenciaram fortemente o projeto e o debate interno na CUT. Estiveram engajados na construção das várias instâncias e estruturas da Central e tiveram representação em todas as suas direções executivas estaduais (São Paulo) e nacionais. Importantes lideranças da categoria, como Gilmar Carneiro e João Vaccari Neto, ajudaram na construção desse projeto e assumiram tarefas nos principais postos de direção da Central, como a Secretaria Geral e a Secretaria de Administração e Finanças. O auge dessa presença ocorreu no 11º Congresso Nacional da CUT, realizado em São Paulo de 9 a 13 de julho de 2012, que elegeu Vagner Freitas à presidência – primeiro bancário a ocupar o posto mais alto de direção Central (*leia no quadro da p. 149*).



■ A CNB/CUT, sucedida pela Contraf/CUT em 2006, foi fundamental para que os bancários atingissem a organização nacional de que hoje desfrutam. O Sindicato teve papel de destaque em todo o período de existência da entidade



■ Juvandira Moreira fala a bancários de diversos países durante abertura de encontro das redes sindicais em 2011

DO DNB À CONTRAF/CUT

A campanha salarial de 1985 desencadeou uma das maiores greves da categoria bancária em São Paulo e em todo o país. Esse movimento demonstrou a necessidade de uma organização nacional, tanto em relação às campanhas salariais quanto às eleições sindicais, e de integração

também com as estruturas da recém-criada CUT. Assim, em 5 de junho de 1985, bancários provenientes de 16 estados do Brasil reuniram-se no Rio de Janeiro para discutir a atuação na campanha salarial daquele ano e decidiram pela fundação do Departamento Nacional dos Bancários (DNB/CUT). No ano seguinte, em 1986, o DNB/CUT teve o seu

Central Única dos Trabalhadores

Foi fundada em 28 de agosto de 1983, durante o Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, realizado de 26 a 28 de agosto em São Bernardo do Campo/SP, do qual participaram 5.265 delegados urbanos e rurais de todo o país. Assim como as demais centrais, foi reconhecida oficialmente em março de 2008 e até hoje é a maior central sindical brasileira. Em seus 30 anos de existência, a CUT se constituiu num relevante ator político com atuação decisiva para a democratização da sociedade brasileira e para a conquista de melhores condições de trabalho e de vida para a população. Conta atualmente com 3.431 entidades sindicais filiadas, com cerca de 7,5 milhões de trabalhadores associados e com uma base de representação de aproximadamente 22 milhões de trabalhadores. Está organizada em todo o país e nos diversos setores, tendo forte presença junto aos trabalhadores rurais, industriais, de serviços e no setor público. Internacionalmente é filiada à Confederação Sindical Internacional (CSI) e à Confederação Sindical das Américas (CSA). ■



Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro

Criada em janeiro de 2006, deu continuidade à organização nacional e ao trabalho de construção de um sistema financeiro mais justo, iniciados com os extintos Departamento Nacional dos Bancários (DNB/CUT) e Confederação Nacional dos Bancários (CNB/CUT). Nasceu com o objetivo de incluir todos os trabalhadores envolvidos em processos de intermediação financeira no debate e nas negociações coletivas, com o intuito de equiparar seus direitos e ampliar as conquistas para o conjunto do setor. Em 2008, a Contraf/CUT foi reconhecida oficialmente pelo Ministério do Trabalho e Emprego. É filiada à CUT e internacionalmente à UNI Global Union. ■

estatuto aprovado e foi eleita a nova coordenação, contando sempre com a ativa participação do Sindicato, bem como de outras entidades de 19 estados.

O DNB/CUT nasceu em oposição à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (Contec), órgão da estrutura sindical oficial. Buscava constituir-se



■ Presidente da Contraf/CUT discursa no congresso que elegeu a direção da entidade para o período 2012-2015

numa estrutura democrática, fomentando questões como eleições diretas nas entidades e negociação de um contrato coletivo de trabalho nacional com os bancos. Em 1987, o DNB/CUT, numa iniciativa pioneira, entregou uma pauta de reivindicações à Fenaban. Essa iniciativa influenciou fortemente o debate interno da CUT, que, a partir de 1988, deliberou pela construção da sua chamada "estrutura vertical", na forma de departamentos, como o DNB, com direção eleita em congresso. No ano seguinte, ocorreu o 1º congresso do DNB/CUT, de 3 a 5 de junho de 1989, em São Paulo, e sua primeira diretoria foi encabeçada por Ricardo Berzoini, então diretor do Sindicato.

Ainda em 1989, ano marcado pela volta das eleições diretas para presidente da República, foi também



■ Material produzido pela Contraf/CUT, entidade imprescindível na articulação da campanha salarial nacional e unificada dos bancários

criada a Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo (Fetec/CUT-SP). Ela foi fundada em 9 de dezembro, numa assembleia que reuniu oito sindicatos representando dois terços da categoria bancária no estado de São Paulo. Sua criação foi motivada pelo crescente descontentamento que havia com a Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Feeb SP/MS), que à época desconsiderava a



■ Vagner Freitas, diretor do Sindicato, discursa no 11º Congresso Nacional da CUT, em 2012, que o elegeu presidente da Central

proporcionalidade das bases para a composição da direção.

MESA DE NEGOCIAÇÃO NACIONAL

O Sindicato desempenhou grande papel na discussão e criação da Fetec/CUT-SP, tendo contribuído na elaboração da proposta de estatuto e visitado os vários sindicatos para construir um projeto consensual e democrático. Assim, possibilitou o início da trajetória da primeira federação da CUT no estado. O Sindicato cedeu, também, importantes lideranças para ajudar a construir a Fetec, como Augusto Campos, que assumiu a presidência de 1989 até 1996.

Desde 1989, os bancários negociavam com o setor patronal em uma única mesa de negociação nacional. O DNB/CUT participava

desse processo, mas vivia um impasse colocado pela estrutura sindical: ele negociava, mas não podia assinar os acordos, contratos ou convenções. Esse papel cabia à Contec, que representava menos de 20% da categoria. Por isso, em 1991 as entidades cutistas constituíram uma segunda mesa de negociação nacional com os banqueiros e decidiram transformar o DNB/CUT na Confederação Nacional dos Bancários (CNB/CUT).

A CNB/CUT foi criada no III Congresso do DNB/CUT, realizado de 27 a 29 e março de 1992, com a participação de 415 delegados representando 57 sindicatos e cinco federações. O congresso aprovou também a filiação da entidade à Federação Internacional dos Empregados e Técnicos (Fiet), demonstrando a preocupação dos bancários em enfrentar os desafios

O primeiro bancário a presidir a CUT

A grande contribuição dos trabalhadores bancários, em especial de São Paulo, na construção da quinta maior central sindical do mundo e maior da América Latina resultou na eleição em 2012 do primeiro bancário para a presidência da CUT.

Com mais de 20 anos de militância sindical, Vagner Freitas, diretor do Sindicato, ex-presidente da Contraf/CUT, encabeçou a Chapa 1, que venceu as eleições do 11º Congresso Nacional da CUT (Concut), com 90,52% dos votos dos 2.322 delegados. Paulistano nascido em 1966, Vagner Freitas tornou-se bancário aos 20 anos, quando ingressou no Bradesco. Iniciou sua militância sindical menos de um mês após a sua contratação, participando ativamente da greve convocada pelo Sindicato em 1987. Desde 1991, passou a integrar a diretoria do Sindicato e a participar das direções das várias entidades às quais o Sindicato é filiado. ■

da nova ordem econômica globalizada em conjunto com os trabalhadores de outros países.

A Confederação nasceu com grande representatividade, uma vez que dos 650 mil bancários existentes no Brasil à época, 85% estavam associados aos sindicatos filiados à CUT. Nesse mesmo ano de 1992, a CNB foi reconhecida como representante

Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo

Foi fundada em 9 de dezembro de 1989 e reconhecida oficialmente pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2004. Sua missão é representar e organizar todos os trabalhadores do ramo financeiro no estado, contribuindo na construção da CUT. Está estruturada em cinco regionais e reúne 14 sindicatos filiados, representando mais de 170 mil bancários do estado de São Paulo. Em 2012, em seu 9º Congresso, definiu como eixos prioritários de atuação a luta pela valorização do emprego com trabalho decente e o fortalecimento do ramo financeiro. ■

legítima dos bancários e assinou pela primeira vez a Convenção Coletiva de Trabalho. A CNB criou um paradigma de organização na CUT e tornou-se referência internacional perante os bancários de todo o mundo. Nessa trajetória, contou sempre com a dedicação do Sindicato, que liberou importantes lideranças para contribuir nas lutas conduzidas pela

Confederação, como Ricardo Berzoni, seu primeiro presidente (1992-1994), Célia Cantú (1994), Sergio Rosa, duas vezes presidente da Confederação (1994-1997 e 1998-2000), e Vagner Freitas também presidente (2003-2006).

Ao longo dos anos 1990, o sistema financeiro passou por grandes mudanças,



Presidente da Fetec/CUT-SP fala em evento que reuniu sindicalistas bancários de todo o estado de São Paulo



Juvandia Moreira, presidenta do Sindicato, discursa em evento da UNI no Japão

que se aprofundaram a partir dos anos 2000. Acentuou-se o processo de fusões e incorporações de instituições bancárias, seguido das privatizações, terceirizações, da proliferação de financeiras, cooperativas de crédito e correspondentes bancários. Essa realidade reduziu a categoria de 900 mil para 400 mil trabalhadores, mas ampliou paralelamente o universo dos que atuam para o sistema financeiro em cerca de 1 milhão.

Visando responder a esse novo contexto, em 2006 a CNB/CUT cedeu espaço para uma nova entidade, a Contraf/CUT, com o objetivo de representar todos os trabalhadores do ramo financeiro. A nova Confederação foi criada em janeiro de 2006 e teve seu 1º Congresso realizado em abril desse mesmo ano, aglutinando nove federações e 110 sindicatos filiados, com uma base de 360 mil trabalhadores.

Desde sua fundação, os presidentes da Contraf/CUT são oriundos da base do Sindicato, sendo eles: Luiz Cláudio Marcolino (2006), Vagner Freitas (2006-2009) e Carlos Cordeiro (2009-2012 e 2012-2015).

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL E FILIAÇÃO À UNI

Os bancários sempre estiveram presentes nas organizações internacionais do movimento sindical, principalmente após a redemocratização do país. O marco filosófico e ideológico da união dos trabalhadores tornou-se uma necessidade concreta em função da globalização. A forte entrada dos bancos estrangeiros na América Latina reforçou ainda mais esse quadro.

A partir de 1992, os bancários fortaleceram sua atuação e seu

UNI Global Union

Sediada na Suíça, a UNI é a Federação Sindical Internacional que organiza os trabalhadores no setor de serviços (limpeza e segurança, comércio, finanças e correios, entre outros) em âmbito mundial. A sigla UNI tem origem em Union NetWork International (Rede Sindical Internacional). Criada em 1º de janeiro de 2000, tem por missão o fortalecimento das organizações sindicais com o fim de melhorar as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores nos setores representados. Conta com 900 sindicatos e 20 milhões de filiados sindicais em 150 países de todas as regiões do mundo. No continente americano possui uma organização regional, a UNI-Américas, que representa 4 milhões de trabalhadores e trabalhadoras em 34 países das Américas e Caribe. Já assinou mais de 40 acordos globais. ■

vínculo internacional, com a aprovação da filiação da CNB/CUT à Federação Internacional dos Empregados e Técnicos (Fiet), que organizava esses trabalhadores em todo o mundo. Desde então, participaram de congressos e fóruns internacionais, debatendo temas como a dimensão social da

O Sindicato tem uma importância fundamental na história do Dieese, instituição criada em dezembro de 1955 por um grupo de 20 dirigentes sindicais de São Paulo que vinham realizando mobilizações conjuntas através do Pacto da Unidade Intersindical (PUI). Os sindicatos desconfiavam que os índices oficiais de inflação eram manipulados e queriam contar com dados próprios para embasar suas negociações com os patrões. Para isso, decidiram construir uma entidade dos trabalhadores, que produzisse um índice confiável – o qual posteriormente resultaria no Índice do Custo de Vida – ICV. Nasceu assim o Dieese, que teve como primeiro presidente Salvador Romano Losacco, presidente do Sindicato dos Bancários à época. Para a criação da nova entidade, Losacco, que também era o presidente do PUI,

articulou o apoio dos sindicatos dos metalúrgicos, dos jornalistas, das costureiras, dos condutores, da construção civil, entre outros. O Sindicato cedeu espaço também para a primeira sede do escritório do Dieese, que de 1955 a 1958 funcionou no Edifício Martinelli. Nesse mesmo local, atualmente, o Sindicato conta com uma subseção do Dieese.

As razões que levaram à criação do Dieese se mantêm até hoje, mas as atividades desenvolvidas se ampliaram em função das mudanças sociais e econômicas que aconteceram no Brasil. A instituição desenvolve pesquisas, assessoria negociações coletivas e promove atividades de formação. O Dieese teve também como presidentes outros dois bancários: João Vaccari Neto (1990) e Mário Sergio Castanheira (1998). ■

globalização e a responsabilidade social do sistema financeiro, entre vários outros que têm impacto na vida das trabalhadoras e dos trabalhadores bancários.

Os bancários sediaram também importantes debates internacionais realizados na cidade de São Paulo, como a 1ª Conferência Sindical sobre os Bancos Estrangeiros na América Latina, em 1998. Tais eventos resultaram em várias propostas de ação com o fim de proteger o

emprego e garantir condições de trabalho e contratos equivalentes entre os trabalhadores dos diversos países, bem como o direito à organização sindical para defesa dos interesses dos trabalhadores.

O aumento da atividade econômica e a forte presença internacional dos grandes grupos financeiros ampliaram a necessidade dos trabalhadores de intensificarem ainda mais sua ação internacional para enfrentar a precarização do trabalho em todo o

mundo. Para responder a esse novo contexto, os bancários decidiram unir seus esforços em nível mundial com outras categorias de trabalhadores, e aprovaram a criação de uma nova entidade internacional: a Union NetWork International (UNI).

A UNI foi criada em 1º de janeiro de 2000, como resultado da fusão de quatro federações sindicais internacionais: a Fiet, a Internacional de Comunicações (IC), a Federação Gráfica Internacional (FGI) e a Internacional de Meios de Comunicação e Espetáculo (MEI), decisão que acompanhou a tendência de fusão entre sindicatos do ramo de serviços que ocorria em diversos países.

O Sindicato, por meio da Contraf/CUT, participa ativamente das ações e lutas da UNI. Como membros do *staff* constam Márcio Monzane, coordenador mundial do Setor de Finanças, e André Luis Rodrigues, diretor regional do Setor de Finanças – UNI Américas. Juvandia Moreira é vice-presidente da UNI Finanças Mundial. Carlos Cordeiro é presidente da UNI Américas Finanças. Rita Berlofa é suplente do Comitê Executivo Mundial da UNI e está na Coordenação Internacional da Rede Santander-UNI Américas. William Mendes está na Coordenação Internacional da Rede Banco do Brasil. Deise Recoaro está no Comitê Regional de Mulheres da UNI Américas e Neiva Ribeiro é titular no Comitê Mundial de Mulheres. ■

PELO FIM DO IMPOSTO SINDICAL

O imposto sindical (ou contribuição sindical) foi criado por decreto do presidente Getúlio Vargas em 1939. Desde então, todos os trabalhadores brasileiros com carteira assinada têm, anualmente, um dia de seu salário descontado em favor das entidades sindicais e do Ministério do Trabalho. Podendo contar com recursos seguros para sua manutenção, muitas organizações vêm demonstrando pouco empenho em levar adiante as reivindicações dos trabalhadores que representam. Por isso, o Sindicato luta pela extinção do imposto sindical há décadas e tem defendido e praticado a ideia de que as entidades dos trabalhadores devem ser mantidas pelas mensalidades dos associados e contribuições espontâneas definidas democraticamente em assembleia.

Nesse sentido, em 11 de março de 1996 o Sindicato obteve liminar que impedia o desconto dos 60% do imposto sindical que lhe caberia. Dias depois, a cobrança dos 40% restantes, que seriam destinados às confederações (5%), federações (15%) e ao Ministério do Trabalho (20%), foi impedida por outra liminar. Em sua atuação jurídica, o Sindicato recebeu o apoio da CNB/CUT e da Fetec/CUT-SP. Entretanto, em 2006 a Justiça cassou estas liminares e determinou a cobrança do imposto no holerite de março. Nesse mesmo ano, o Sindicato já passou a devolver o percentual que lhe caberia no imposto a todos os associados que o solicitam, procedimento mantido até o presente.



■ Charge de 2012. O Sindicato move uma duradoura batalha pela extinção do imposto sindical, medida que fortaleceria as entidades que realmente se empenham na luta dos trabalhadores

Com a cassação das liminares, o Sindicato deu novo impulso às pressões para alterar a legislação e acabar definitivamente com o imposto sindical. Em seu lugar, como propunha a CUT, deveria ser criada uma taxa negocial, cujo valor seria definido e aprovado pelos trabalhadores em assembleia. Em 2012, em mais um episódio da longa batalha pela extinção do desconto compulsório, o Sindicato apoiou e participou do Plebiscito Nacional Sobre o Fim do Imposto Sindical, promovido pela CUT. ■



■ Charge de 2008. O reconhecimento oficial das centrais, pelo qual o Sindicato lutou por décadas, é um significativo passo na consolidação da democracia

Reforma sindical

Há décadas, o Sindicato defende a importância de uma reforma sindical que consolide as entidades que realmente se empenham nas lutas dos trabalhadores, fortalecendo a democracia. Nesse sentido, tem apontado a necessidade da adoção de convenções coletivas de trabalho válidas para todo o território nacional, evitando que empresas troquem de localidade apenas para economizar salários. Além disso, ao invés de organizarem-se por categorias, os sindicatos deveriam ter como base um ramo de atividade econômica. Assim, os trabalhadores poderiam manter seu poder de pressão mesmo diante de processos como a terceirização.

O direito de organização nos locais de trabalho com a eleição de delegados sindicais, tem se colocado como outra demanda central. Isso permitiria aos sindicatos presença constante no cotidiano dos trabalhadores, ampliando a organização e a mobilização. Reivindicação também fundamental era o reconhecimento das centrais sindicais como instituições da sociedade civil organizada, conquista alcançada em 2008 e para

a qual o Sindicato colaborou de diversas maneiras. Desde então, elas podem legalmente representar os trabalhadores em diversos espaços de negociação. ■

CONSTRUINDO REDES SINDICAIS INTERNACIONAIS: A LUTA POR ACORDOS MARCOS GLOBAIS

Especialmente na última década, os bancários brasileiros ampliaram consistentemente suas conexões com o sindicalismo internacional, defendendo seus interesses cada vez mais em escala global. Entre 2001 e 2011, o sindicalismo bancário brasileiro conseguiu passar da organização de protestos e campanhas simultâneas em vários países à assinatura de um acordo marco global que garantiu um núcleo básico de direitos a todos os trabalhadores do Banco do Brasil na América Latina. Nesse processo de internacionalização da ação política dos bancários, o Sindicato empenhou-se profundamente e exerceu papel fundamental.

Em 19 de abril de 2001, durante a campanha salarial, quando os funcionários do Banco Bilbao Vizcaya (BBV) engajaram-se no dia internacional de luta dos trabalhadores da instituição, o sindicalismo bancário brasileiro deu um significativo passo rumo à atuação em escala global. Nos anos seguintes, atos desse tipo se tornariam cada vez mais frequentes. Dois anos depois, a Comissão Sindical Bancária, órgão que integrava a Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS), já promovia encontros por bancos com dirigentes sindicais latino-americanos. Em 2005, em negociação mediada pela CCSCS, o ABN já aceitava a proposta de realizar encontros anuais com representantes dos bancários de diversos países da América Latina para aprofundar os debates sobre a construção de um



■ Márcio Monzane (com o microfone, à direita), diretor regional da UNI América Finanças, discursa, em 2010, durante manifestação pelo Acordo Marco Global no centro administrativo Santander Casa 3. Ao fundo, Vera Marchioni, secretária de Assuntos Jurídicos Coletivos do Sindicato

Acordo Marco. Baseado nas diretrizes da OCDE e nas convenções da OIT, o acordo deveria garantir o diálogo e o cumprimento dos direitos dos trabalhadores de maneira uniforme em todos os países em que o banco atuava. Assim, seria possível, por exemplo, barrar a precarização do emprego, o processo de terceirização e estabelecer avanços, como novas contratações de trabalhadores e proteção ao emprego. Ainda que o diálogo com a instituição se mostrasse difícil, os bancários avançavam em sua organização e, em 2006, promoveram o I Encontro Internacional dos Trabalhadores do ABN Real.

As reivindicações e as formas de organização dos trabalhadores do ABN Real já vinham sendo



■ Adriana Magalhães, diretora do Sindicato e presidenta do Comitê UNI Jovem, fala durante evento na sede sindical em 2006

partilhadas e aperfeiçoadas por bancários empregados em outras instituições que também operavam internacionalmente. Seminários, encontros, protestos e a constituição de comitês e redes internacionais passaram a ser parte do cotidiano de ativistas sindicais do Santander, BB, Itaú e HSBC. Em todo



■ O Sindicato fez história em junho de 2009, quando Rita Berlofa, diretora da entidade, foi à tribuna da assembleia geral de acionistas do Santander, na Espanha, denunciar os diversos problemas enfrentados pelos funcionários do banco espanhol no Brasil. Era a primeira vez que um sindicalista conseguia esse feito

esse amplo conjunto de ações, o Sindicato contava com a parceria da UNI Finanças.

Coroando uma longa trajetória de lutas, em 2011 foi assinado o primeiro Acordo Marco com participação de bancários brasileiros, após um longo processo de negociação entre a UNI Américas e a direção do Banco do Brasil, intermediado pela Contraf/CUT. O instrumento previa proteções mínimas para todos os trabalhadores do BB no continente americano, garantindo, entre outras medidas, a liberdade sindical e o reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva, o compromisso do banco com o combate e a prevenção de problemas de saúde derivados da atividade laboral, o combate ao assédio moral e sexual, a garantia de ausência de discriminação no emprego e a promoção da igualdade de oportunidades.



■ João Vaccari (de camisa branca na cabeceira da mesa), presidente do Sindicato, recebe delegação de sindicalistas coreanos que visitou a entidade em 2002

Em 2012, o Sindicato promoveu evento e campanha sobre a Venda Responsável de Produtos Financeiros, lançando um novo desafio ao sindicalismo internacional: combater a atual forma de gestão das instituições financeiras, que estabelece metas abusivas de venda de produtos aos bancários e pouco se importa com as reais necessidades

dos clientes. Representantes da UNI Finanças presentes ao evento apontaram a necessidade de aprofundar as articulações internacionais para levar adiante essa luta. Nesse mesmo ano, o Sindicato estabeleceu parceria com a entidade norte-americana CWA para apoiar a organização dos bancários dos Estados Unidos. ■

■ O SINDICATO DOS BANCÁRIOS E FINANCIÁRIOS DE SÃO PAULO, OSASCO E REGIÃO: ESCOLA DE POLÍTICA E CIDADANIA

Ao longo de décadas, em seu cotidiano, dos cursos de formação às assembleias, das passeatas às negociações, e nas variadas formas de luta da categoria, o Sindicato oferece a ativistas e dirigentes um repertório de experiências que os qualificam para a luta política pela consolidação e ampliação da cidadania e da democracia em nosso país.

Atuando segundo o conceito de sindicato cidadão, os dirigentes bancários têm implementado relevantes projetos. Para ficar apenas nos anos mais recentes, podem ser destacadas as iniciativas no campo do cooperativismo, que viabilizaram o acesso de milhares de trabalhadores à moradia e ao crédito. Além disso, outras iniciativas de grande valor social foram desenvolvidas. Atentando a setores sociais profundamente desprovidos de direitos, o Sindicato empenha, desde meados dos anos 1990, esforços na premiada Fundação Projeto Travessia, que mantém diversificada atuação junto às crianças e aos adolescentes que vivem nas ruas de São Paulo.

Já com o intuito de ampliar o direito à cultura e ao lazer do grande contingente de cidadãos que não têm acesso às salas de exibição de filmes, o Sindicato criou em 2007 o projeto Cine B, que leva cinema nacional de qualidade à população carente de São Paulo, Osasco e região. A título de destacado exemplo, valeria ainda a pena lembrar o contínuo empenho

Augusto Coelho/CEDOC



■ Em 2001, o Sindicato se integrou à marcha nacional que denunciou, em Brasília, graves irregularidades no governo FHC e os problemas vividos pela população com a crise no fornecimento e distribuição de energia elétrica ("apagão")

■ Luiz Cláudio Marcolino, então secretário-geral do Sindicato, discursa em ato contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). No início do século XXI, o Sindicato esteve presente em importantes campanhas na defesa da soberania nacional

Paulo Pezzi/CEDOC



Jailton Garcia/CEDOC

■ Ato com participação do Sindicato, políticos e empresários relançava, em 1996, Movimento Pela Ética na Política

do Sindicato em promover o debate em torno da democratização dos meios de comunicação. Propósito que ultrapassou o plano das ideias e levou à criação, em parceria com outras entidades sindicais, da Rede Brasil Atual como uma alternativa aos meios de comunicação de massa que hoje atuam como oligopólios (leia mais na p. 134).

Se em suas rotinas e iniciativas organizacionais o Sindicato já se revela uma pulsante escola de política e cidadania, tal imagem torna-se ainda mais vigorosa quando temos em conta a multifacetada atuação da entidade em variados espaços e debates públicos. Sempre buscando contribuir com o ponto de vista dos trabalhadores às mais relevantes decisões da sociedade, o Sindicato tem se engajado em diversas lutas que, sem diminuir a importância das reivindicações corporativas, superam-nas em larga medida. Tendo em mente apenas as últimas décadas, recorde-se o imediato apoio do Sindicato à campanha Ação da

Travessia: da rua à cidadania

Em 1995, o Sindicato promoveu um ciclo de debates para avaliar e propor ações para que jovens que vivem na rua superassem essa situação. Fruto desses eventos, nasceu a Fundação Projeto Travessia, organização social que tem como base promover os direitos fundamentais previstos na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, na Constituição Federal Brasileira e nos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A Fundação é fruto de uma parceria entre sindicatos de trabalhadores, bancos e empresas privadas, e tem como objetivos promover ações voltadas para a inclusão social, garantir direitos às crianças e adolescentes que vivem em situação de risco e fortalecer o protagonismo dessas pessoas, na medida em que estimula sua participação nas decisões e atua para que conquistem autonomia e sejam sujeitos de suas vontades.

A Fundação Projeto Travessia foi reconhecida como Utilidade Pública Municipal na Cidade de São Paulo, além de obter registros e certificados de vários outros órgãos públicos. Prêmios e participações, como a Menção Honrosa no XVII

CEDOC



■ Convite para mais um importante evento promovido pelo Projeto Travessia. Sediado na Quadra dos Bancários, ele foi encerrado com show de Milton Nascimento, que se somou às muitas figuras públicas nacionais que visitaram o projeto

Prêmio Franz de Castro Holzwarth de Direitos Humanos (OAB-SP) e o Prêmio Betinho de Cidadania e Democracia, marcam também a história do projeto.

Em quase 18 anos de existência, o Projeto Travessia ampliou seus programas de atendimento e sua área geográfica de atuação. Desde sua criação, desenvolveu 30 projetos e atendeu mais de 13 mil crianças e adolescentes. Ao longo desse período, conseguiu agregar diferentes instituições (universidades, núcleos comunitários, secretarias municipais e estaduais etc.) em todas as ações desenvolvidas. ■



Paula Poppe/CEDOC

■ Ao longo das décadas, o Sindicato vem se firmando como destacado núcleo de debate político nacional. Em 2011, ao microfone, o ex-presidente Lula, ao lado de Juvandira Moreira, presidenta do Sindicato. Da esquerda para a direita, os ex-presidentes da entidade: Luiz Cláudio Marcolino (2004-2010), Luiz Gushiken (1985-1987), Augusto Campos (1979-1983), Gilmar Carneiro (1988-1994) e Ricardo Berzoini (1994-1998). À direita, Vagner Freitas, atual presidente da CUT

Cidadania Contra a Miséria e pela Vida, capitaneada pelo sociólogo Herbert de Souza no início dos anos 1990.

Em outra grande batalha, que se estendeu pela primeira metade dos anos 2000, o Sindicato, juntamente com o Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), conseguiu fazer com que os bancos, líderes em reclamações no Procon-SP, continuassem respondendo ao Código de Defesa do Consumidor. Finalmente, como indicativo do alargado horizonte de intervenções do Sindicato, em 2011 a entidade propôs a diversas organizações dos trabalhadores a criação do Fórum Político Sindical da Capital, com o objetivo de participar da formulação de políticas públicas sobre temas cruciais para a população de São Paulo, como a mobilidade urbana.

O Sindicato formou importantes lideranças que assumiram cargos na política institucional, especialmente no



Jailton Garcia/CEDOC

■ Luiz Cláudio Marcolino, presidente do Sindicato, discursa, em 2010, durante evento na entidade. Mais uma iniciativa protagonizada pelo Sindicato na luta pela democratização da informação



Jailton Garcia/CEDOC

■ Bancários participam, em 2012, de ato pelo fim do "apagão" nos transportes. Desde os anos 1990, o Sindicato aprofunda sua concepção de sindicalismo cidadão, que pensa a vida dos trabalhadores em suas diversas dimensões

poder Legislativo (municipal, estadual e federal). Partindo apenas dos dirigentes do Sindicato que, desde os anos 1990, ocuparam tais postos, temos uma lista

de nomes que se tornaram familiares aos paulistanos, paulistas e brasileiros: Luiz Gushiken, deputado federal (1987-1998) e ministro da Secretaria de Comunicação

(2003-2005); Antônio Lucas Buzato, deputado estadual (1987-1998); Tita Dias, vereadora (1989-1992 e 2003-2004); Luizinho Azevedo, deputado estadual (1990-1994); Sérgio Rosa, vereador (1996-1999); Ricardo Berzoini, deputado federal (1998-2014), ministro da Previdência Social (2003-2004) e ministro do Trabalho (2004-2005); Augusto Campos, vereador (2001-2004); e Luiz Cláudio Marcolino, deputado estadual (2011-2014).

Por meio desses representantes, objetivando a transformação social, o Sindicato procura intervir nos debates parlamentares, inclusive participando da elaboração de leis de ampla repercussão social. Nesse sentido, podem ser apontados, entre tantos outros, os numerosos projetos de regulamentação do sistema financeiro nacional, de reforma tributária, previdenciária e política. Sem dúvida, essa participação é fundamental para o debate público e para o aprofundamento da democracia, na medida em que traz para a sociedade um conjunto de opções que não

■ Ato em 1996 em frente ao Teatro Municipal: o Sindicato não se calou diante da violência sofrida pelos trabalhadores rurais

Jailton Garcia/CEDOC



Marinco Morais/CEDOC

■ O Sindicato leva, gratuitamente, o cinema nacional de qualidade à população que não dispõe de acesso às salas de exibição comerciais. Desde 2007, já são mais de 32 mil espectadores

Cine B

Em 2007, em parceria com a Brazucah Produções, o Sindicato criou o projeto Cine B para levar o cinema nacional de qualidade à população carente de São Paulo, Osasco e região, ampliando suas opções de acesso a cultura e lazer.

As exibições, algumas seguidas de debate, são gratuitas e realizadas em igrejas, associações de moradores, quadras de esporte, praças, campinhos, circos e até embaixo de pontes. A estrutura itinerante é composta por um telão, projetor, caixas de som, banners, pesquisas de opinião e sorteio de brindes. A pipoca, companhia indispensável nessas horas, é garantida para todos.

Em 2010, o Circuito Cine B chegou às universidades. Em apenas um mês, o projeto foi apresentado em quatro instituições, com



Jailton Garcia/CEDOC

exibição e discussão de filmes temáticos dentro das salas de aulas. No mesmo ano, foi realizada parceria com a produtora Pulso Filmes, que oferece cursos e oficinas voltadas à produção cinematográfica.

A parceria do Sindicato com a Brazucah Produções completou, em 2012, cinco anos e os números expressam o êxito dessa iniciativa. Foram 222 sessões de cinema, em diferentes regiões da cidade, com a presença de mais de 32 mil pessoas. ■

estariam disponíveis caso os trabalhadores não conquistassem sua representação em tais instâncias. O mesmo pode ser dito em relação à gestão de importantes fundos de pensão, como a Previ, que na última década passaram a ser presididos por quadros formados nas fileiras do sindicalismo.

Considerando os múltiplos espaços e formas de atuação nesses seus 90 anos de existência, entende-se porque muitos ativistas e dirigentes intitulam o Sindicato como uma escola de política e cidadania. Com essa imagem, procuram significar um amplo conjunto de aprendizados relativos à dinâmica institucional e à vida em sociedade que a organização sindical proporciona. Buscam, também, enfatizar a ideia de que o Sindicato é o *locus* de transmissão de um legado a partir do qual se constroem novas alternativas para os desafios do presente.

Nesses 90 anos de existência, o fundamento desse legado tem sido uma consistente trajetória de luta pelo fortalecimento da democracia brasileira, baseada na ampliação dos direitos da classe trabalhadora e na conquista de justiça social. Contrariando a difusa percepção que procura relegar o movimento sindical a um segundo plano, a história do Sindicato demonstra que são os trabalhadores, organizados em torno de suas entidades representativas, que ajudam a mover a roda da história no sentido de consolidar e ampliar a cidadania em suas múltiplas dimensões. ■



■ Juvandia Moreira, presidenta do Sindicato, fala durante a reunião de planejamento da entidade em 2011. Na ocasião, diante de representantes de outras categorias, foi proposta a criação do Fórum Político Sindical da Capital, para articular propostas dos trabalhadores em relação às políticas públicas municipais



■ Em 2012, o Sindicato recebeu Stephen Lerner, um dos mentores do Occupy Wall Street, movimento iniciado nos Estados Unidos e que tem a crítica ao poder do sistema financeiro como um de seus pontos centrais



■ André Luis Rodrigues, diretor regional da UNI Américas, discursa em seminário, promovido pelo Sindicato em parceria com o Idec, que lança campanha pela venda responsável de produtos financeiros, compromisso já firmado pelo Santander

São Pilantra e Bloco dos Bancários

Entre as várias iniciativas de ocupação do espaço público e de estímulo ao debate social promovidas pelo Sindicato, a Corrida de São Pilantra e o Grito de Carnaval vêm se destacando no calendário da cidade, especialmente pela forma divertida como abordam temas relevantes à sociedade.

A Corrida de São Pilantra, o santo padroeiro das elites do Brasil, foi criada em 1998. Assim como o evento do qual é uma paródia, a São Silvestre, a São Pilantra é disputada na última semana de dezembro, com o objetivo de denunciar aqueles que, durante o ano, prejudicaram a categoria e, mais amplamente, a sociedade. Em sua 15ª edição, realizada em 2012, a disputa foi acirrada. Por promover centenas de

■ Em 2012, o Bloco dos Bancários denunciou as desigualdades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho e na sociedade de modo geral



demissões de bancários, o *Satã-Der* foi o vencedor do ano.

O Bloco dos Bancários, por sua vez, teve sua primeira edição em 2009, quando a categoria “desfilou” reivindicando ampliação da licença-

maternidade de quatro para seis meses, estabilidade para o pai e defesa do emprego. Desde então, todos os anos o bloco sai às ruas do centro da capital, às vésperas do carnaval, para cobrar das autoridades e patrões melhores condições de vida e de trabalho.

■ Em 2011, o Itaú Unibanco venceu a 14ª São Pilantra, evento anual que já entrou para o calendário da cidade como importante momento de reflexão política

Bancredi

Em janeiro de 2001, o Sindicato lançou a Cooperativa de Crédito dos Bancários, Bancredi, com o objetivo de oferecer alternativas aos trabalhadores e trabalhadoras que recorriam a empréstimos ou ao cheque especial e pagavam altíssimos juros às instituições financeiras. A Bancredi pratica o crédito solidário “de trabalhador para trabalhador”. Remunera as aplicações com juros superiores e empresta com taxas inferiores às do mercado. Além disso, as operações são realizadas com menos burocracia, mais agilidade e sem taxas administrativas.

A parceria com a Bancredi possibilitou ao Sindicato, a partir de 2007, estabelecer convênios com instituições de ensino,



■ O Sindicato defende o cooperativismo como forma alternativa de geração de trabalho e renda, cujo modelo de autogestão valoriza pessoas em vez do lucro. Lógica totalmente inversa à empregada no modelo de gestão das instituições financeiras

oferecendo crédito educativo aos trabalhadores para que possam ingressar em cursos superiores. Em 2010, numa parceria entre o Sindicato e o Banco do Brasil, a cooperativa lançou o Olhar

Local, em Vargem Grande, periferia da zona sul da capital. Trata-se de um projeto de desenvolvimento regional sustentável, que orienta a população local sobre cooperativismo.